

Antropologia

Contradições do pensamento brasileiro

Antropóloga revê origens da formação cultural do Brasil

O livro *uma Antropologia no Plural. Três Experiências Contemporâneas* da antropóloga e professora universitária Mariza Peirano, da Universidade de Brasília, propõe um questionamento diferente da disciplina no Brasil. Assim como há algum tempo Ferreira Gullar perguntava-se como era possível uma estética de vanguarda num país subdesenvolvido como o nosso, Mariza Peirano busca interpretar a atitude científica no Brasil, interrogando-se pelos fatores e horizontes culturais específicos. Ou seja, a reflexão antropológica, em seus ideais universalistas e conscientes das diferenças, deve partir da própria diferença, do característico. O homem, em sua diversidade, só é compreendido pelo descortinamento de seu contexto.

Estes questionamentos são importantíssimos pois são bilaterais. Ao mesmo tempo que repensam a formação intelectual brasileira e sua relação com a importação de teorias das ciências sociais européias, discute as mesmas origens destas teorias em sua fonte, nos chamados centros ideológicos. Mariza Peirano rompe com a estrutura colonialista do pensamento, indo atrás da livre pesquisa, que é livre porque sabe de seus limites e aplicações.

Exemplos — A própria estrutura do livro recria tal motivação crítica. Está dividido em três partes. A primeira enfoca o caso brasileiro. São contrastados os percursos dos cientistas sociais Antônio Cândido e Florestan Fernandes, para que se evidencie os aspectos significativos envolvidos na formação do pensamento local.

Em Antônio Cândido, a reflexão antropológica ganha foros de interdisciplinariedade, por meio do feliz interrelacionamento entre intuição e análise. Seu trabalho ainda está preso a não-institucionalização das ciências sociais no Brasil, no qual a divisão do trabalho intelectual, a repartição do saber em várias disciplinas, não é determinante. Daí a literatura ser um espaço privilegiado em que os conflitos transparecem em suas máximas contradições, tornando-se fenômeno central da vida do espírito, no Brasil. Na literatura, em razão da fraca tradição acadêmica brasileira, é que o país desenvolveu sua auto-reflexão. Aqui, "o contexto social está mais aparente nas formas artísticas".

Já Florestan Fernandes, representa o movimento inverso. A abertura de Antônio Cândido, corresponde ao sistemático, ao controle racional das informações, ao tratamento metodológico exaustivo de uma problemática, em prol da neutralidade científica. O pesquisador esconde-se por detrás de seus construtos. A sua busca dos princípios organizatórios de uma sociedade primitiva porém esbarra, mais tarde, em pressões e exigências imediatas. O cientista no Brasil deve ater-se à urgência da construção de nossa nacionalidade. As Ciências Sociais no Brasil estão conformadas aos desdobramentos de etapas históricas de efetivação de um país. Daí o entrecchoque, para o leitor, de *A Organização Social dos Tupinambá* exercício acadêmico, e *O Negro no Mundo dos Brancos* e *A Revolução Burguesa no Brasil*, esclarecimento engajado.

Dualidade — Diante de exemplos tão díspares, no seio até de um só pensador, como fazer ciência? O antropólogo no Brasil é um ser cindido. Está imerso numa tradição especializada de investigação, montada para compreender o diferente em relação ao padrão oficial, uma tradição que não é a sua. É um saber por adoção. Tendo de analisar o que escapa ao familiar, ele mesmo se estranha pois está estranhado no que estudaria. O antropólogo é cidadão e objeto de sua disciplina. "O antropólogo brasileiro é o cidadão do mundo, membro da comunidade internacional de cientistas sociais, partilhando da ideologia universalista e cosmopolita da própria ciência" ao mesmo tempo que "é o cidadão brasileiro, responsável, como parte da elite do país, pelo preenchimento dos vazios de representação política, especialmente em relação aos grupos que estuda".

Trata-se, deste modo, de um tipo de saber próprio. A dualidade e pluralismo nestes termos é a antropologia no plural que está sendo construída aqui, a partir da falência dos modelos exclusivistas oficiais. Na segunda parte do livro, dedicada ao outro de quem muito sugamos — Estados Unidos — tais conceitos vão ficando mais claros. A antropologia moderna se encontra em crise. Perdeu seu objeto. A antiga prática de naturalizar o estranho, prender o desconhecido, limitada ao circuito de tribos pesquisadores, implode diante do contexto próprio do pesquisador, seu umbigo — as sociedades complexas. Aquele indivíduo que se defrontava-se com o exótico de outras culturas, agora se vê estrangeiro em sua própria pátria, desconhecendo que seu saber foi alimentado pelas ideologias nacionais. Ao fugir de seu chão, querendo atualizar ideais por demais universalistas, o sábio aliena-se.

Contudo, é na terceira parte, por meio do paralelo entre as tradições intelectuais da Índia e do Brasil que aquela antropologia no plural é melhor avistada. A Índia, como nós, país que passou pela colonização, desenvolveu, com muito rigor, o pensamento social herdado da metrópole. Ao mesmo tempo que parafraseava, a Índia reorientava a herança, acomodando-a às suas particularidades. Contudo falta à Índia, em virtude da polimorfia cultural das aldeias historicamente autônomas, o que o Brasil tem: "A idéia poderosa de sociedade, de um todo social, de um estado-nação como — projeto". A Índia possui a tradição, mas que beira ao conservadorismo, e nós a novidade, o fascínio, que escorrega para o modismo.

Somente uma antropologia pluralista, consciente da diversidade de nossa cultura, ao mesmo tempo que preocupada com nossas ideologias é que pode aqui ser concretizada. O rigor e a loucura das oposições polares devem ser substituídos por contradições complementares, inerentes às peculiaridades de nossa tradição intelectual. Trata-se de superar a estrutura colonialista de pensamento.

■ Marcus Mota

Especial para o CORREIO

Uma Antropologia no Plural — Três Experiências Contemporâneas, Mariza G. S. Peirano, Editora da Universidade de Brasília, 265 páginas.

